

4 - A estrutura de animação da Rede-SANS

Maria Rita Marques de Oliveira
Carla Maria Vieira
Lilian Fernanda Galesi
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, MRM., VIEIRA, CM., and GALESI, LF., orgs. A estrutura de animação da Rede-SANS. In: *O tecido da Rede-SANS: histórico, narrativas e reflexões* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, pp. 67-69. ISBN 978-85-7983-751-7. Available from: doi: [10.7476/9788579837517](https://doi.org/10.7476/9788579837517). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/s88y6/epub/oliveira-9788579837517.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

4

A ESTRUTURA DE ANIMAÇÃO DA REDE-SANS

No projeto de articulação da Rede-SANS foram previstas uma equipe de educomunicação, uma de pesquisa, uma de formação semipresencial, os coordenadores regionais e uma equipe de coordenação e assessorias. No encontro de janeiro de 2011, o assessor em redes sociais Cássio Martinho ilustrou o formato da Rede-SANS. Decidimos substituir o termo “coordenador” por “articulador”, por considerarmos mais apropriado aos nossos propósitos. Operacionalmente, as equipes foram organizadas em equipe de educomunicação (responsável pela elaboração do site e de conteúdos), equipe de pesquisa, equipe interdisciplinar (responsável pelos conteúdos de formação) e assessorias nas áreas de enfermagem, nutrição, agronomia, psicologia, educação física e biologia. Os papéis das equipes de educomunicação e interdisciplinar deveriam ser desenvolvidos e apropriados pelos seus respectivos componentes. A primeira tinha lideranças em áreas distintas, enquanto a segunda não precisaria de um líder.

No mesmo mês, fizemos um encontro das equipes da Rede-SANS, em que foi discutida a missão da Rede e os principais elementos para sua carta de princípios. Foram definidas as estratégias de trabalho e os papéis de cada um. Antes do encontro foram enviados textos básicos sobre SAN, saúde e redes sociais, visto que ninguém entre nós tinha domínio sobre os três temas, e havia quem não tinha tido contato com nenhum deles. É provável que uma semana tenha sido pouco para construirmos um significado comum de nossos propósitos. Nem todos conseguiram se sentir integrados ao processo. Esperavam que a “coordenadora” do projeto promovesse essa integração, apontasse caminhos.

Na coordenação, pergunto-me se, no meu papel, passei a mensagem de que as tarefas estavam todas subordinadas a mim e que apenas eu saberia como as

coisas deveriam ser feitas, se mesmo desejando delegar poder e dividir responsabilidades, fui autoritária e controladora, ou ainda, se era esperado que eu fosse. Pela minha posição privilegiada de contato com todos, houve facilidade para elaboração de propostas de resolução dos problemas. Posso ter me excedido, enquanto outros se retraíram.

Os articuladores regionais da Rede-SANS e as equipes de apoio geral ao processo contaram com a assessoria de um especialista em redes sociais, Cássio Martinho, que, na ocasião, a partir de sua compreensão sobre a proposta, desenhou no quadro a representação da estrutura da Rede-SANS (Figura 10).

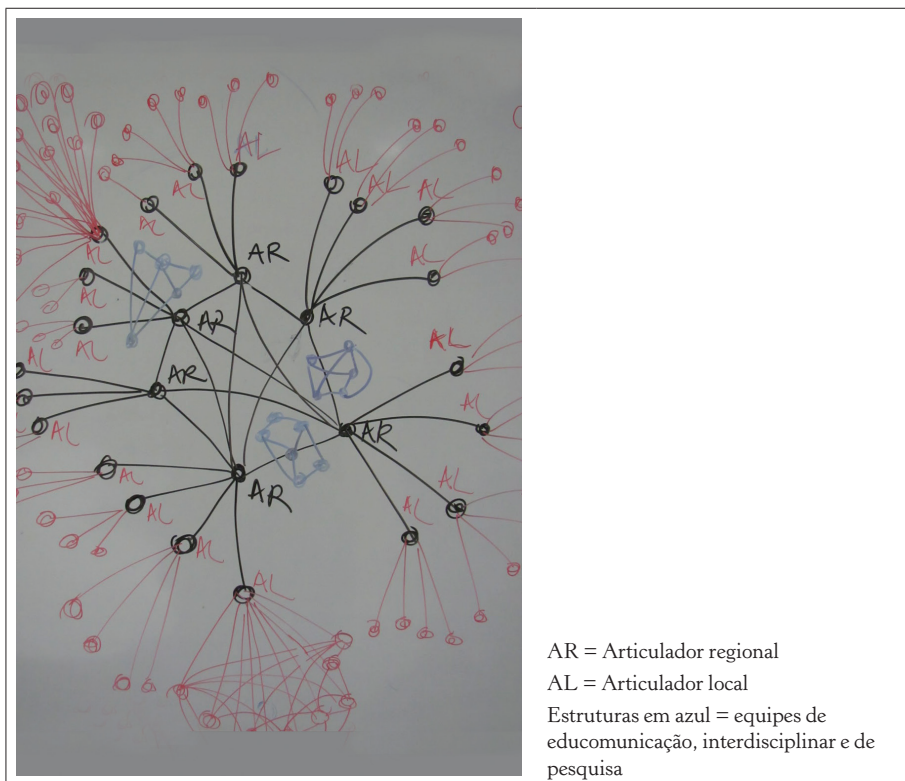


Figura 10 – Desenho da estrutura de animação da Rede-SANS em janeiro de 2011 (Cássio Martinho, assessor em redes sociais.)

No final de 2012, a equipe de educomunicação havia sido completamente renovada e a equipe interdisciplinar já não existia mais. Na de pesquisa, as mesmas pessoas que iniciaram o trabalho foram as que o concluíram. O processo de animação virtual foi muito sofrido. Vários bolsistas ficaram no caminho. O

fato é que não tínhamos experiência nessa atividade e havia pouco tempo para uma construção coletiva.

Sobre os articuladores regionais e locais, o fato de ter experiência na área de SANS foi um fator facilitador, mas não imprescindível. Houve quem rapidamente se apropriou dos conceitos e os colocou em prática. Nesse caso, pesou mais a identidade com o tema. Entre os ARs e ALs, muitas lideranças naturais permaneceram.

Uma das questões centrais no desenvolvimento de tecnologia de articulação de rede é a proposta de ausência de centralidade ou de comando, liderança e coordenação para a constituição de rede. Outro aspecto no desenvolvimento da articulação da rede (local, regional e geral) é a necessidade de saber conviver com a diversidade e respeitar as diferenças do saber do outro e dos tempos de amadurecimento de cada um em relação à capacidade de organização dos movimentos sociais. A concepção teórica de rede social adotada pela Rede-SANS de certa maneira pode ter sido compreendida por alguns como muito ameaçadora, pela não centralidade de poder, pela necessidade de valorização do saber popular, de encontrar meios de aproximação do saber científico com os conhecimentos e experiências das comunidades contempladas, muitas delas formadas por populações marginalizadas da sociedade.

Durante esses dois anos de articulação, houve uma estrutura de organização do trabalho pautada nos bolsistas (Figura 11) e, em diversos momentos, apresentada como o universo da Rede. Ainda fazemos isso, mas, olhando para o processo, vemos que não se pode supervalorizar essas estruturas na morfologia da Rede, e sim enquanto pontos de sustentação do processo, no qual os enredados formam um incontável contingente de pessoas.



Figura 11 – Estrutura da Rede-SANS associada o seu projeto de articulação